

O FIGUEIROENSE

SEMANÁRIO IMPARCIAL, POLÍTICO, NOTICIOSO, LITTERÁRIO E RECREATIVO

PROPRIETÁRIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuacios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem. Anuncios permanentes e communicados preço convencionado.

CASTANHEIRA DE PERA

(RIBEIRA DE PERA)

Na mais alta vertente da Serra da Louzã, ao sul e a poucos metros do Altar Trevim, rebenta entre pedras um pequeno jorro d'agua d'excellente qualidade, mais fresca e limpa do que a propria neve.

O sitio onde nasce chama-se Cavatete que dá o nome á ponte.

Tem aqui origem a Ribeira de Pera por ser a nascente mais afastada da sua foz. Quasi á mesma altura da Serra brotam, em diversos pontos, muitas outras nascentes, de modo que a tres kilometros de distancia, formam todas já uma corrente regular, ora precipitando-se d'altos penhascos em catadupas, formando lindas cascatas, ora descendo brandamente no fundo dos valles, semelhante a uma corrente de prata, em ziguesagues, até entrar no Zezere, perto de Pedrogan. Terá approximadamente 30 kilometros de percurso na direcção de norte a sul.

A primeira povoação que encontra na sua passagem é o Coentral, que, com mais quatro pequenos logarejos, fórma a freguezia do mesmo nome. Demora n'um fundo valle formado pelos mais altos montes da Serra, os quaes a cercam, apertando-a por todos os lados e tornando-a de difficil accesso, excepto pelo lado da Castanheira.

Não obstante os seus montes, erguendo-se altivamente, provocando os astros, quasi cortados a prumo; apezar das tempestuosas intempéries proprias das grandes serras: tufoes medonhos, chuvas torrencias, por vezes espessas camadas de neve e outras, fortes trovoadas, os seus habitantes, mais atrevidos do que a propria natureza, n'um labutar quotidiano atravessam a Serra constantemente em todas as direcções por veredas asperrimas, quasi intransitaveis, para exercerem o commercio de fazendas de lã nas feiras dos districtos de Coimbra, Castello Branco, Leiria e Santarem.

Com 6 kilometros de estrada ligava-se o Coentral á estrada districtal n.º 120.

Auxiliar a energia dos seus natuaes seria uma obra justa e bem merecida.

No verão, como todas as povoações das serras, é encantadoramente pittoresca. Fresecas hortas e viscosos milharacs.

Muito férteis e bem cultivados os seus terrenos: o castanheiro e o carvalho tem aqui dimensões gigantescas. Ha exemplares de dez metros

de circumferencia no tronco e troncos de trinta metros d'altura.

As estações sanitarias de mais nomeada, como as da Suissa e entre nós a Serra da Estrella, não têm melhores ares, nem melhores aguas, o que se prova pela idade avançada em que morrem a maior parte dos seus habitantes. Não ha ali memoria de ter fallecido alguém de tuberculose.

Tem-se fallado em construir na Serra da Louzã um sanatorio para tratamento d'esta doença. Devia dar bom resultado.

Se o nosso povo fosse de rasgada iniciativa, teria reclamado a arborisação da Serra, o que certamente a tornaria rival da sua vizinha ao norte.

CARTA DE LISBOA

31 de Julho de 1902.

Mais um anniversario historico que passa e esse é o de hoje, juramento da Carta constitucional. Os festejos que hoje se realisam por tal facto, resumem-se em illuminações nos edificios do estado e nos quartéis, havendo á porta d'estes, musicata para gaudio do zé, algumas salvas nos navios de guerra e, feriado para os empregados publicos. E, disse. Tambem não vale a pena fazer mais em honra d'uma carta que se acha muito remendada. Aquillo já não é carta, mas sim um apontado de atrocidades para a nossa fingida liberdade. Bem fez o rei em acabar com recepções no seu alcacer regio para a data de hoje e da que passou ultimamente a 24 de Julho.

Vá lá que ainda está com sorte a carta adorada de apanhar musicata e illuminações.

Realmente o paiz em que habitamos, por mal dos nossos peccados é o paiz dos monopolios e dos syndicatos. Ainda ha bem pouco tempo se fundou o monopolio do pão, que já estamos soffrendo bastante os seus resultados funestos e já se falla nos preparativos das bases do monopolio do assucar.

Se vamos por este andar, estamos bem arranjados. Estão-nos mettendo n'uma tal teia de monopolios, principalmente nos artigos da alimentação publica, que só enigrando d'aqui para fóra, poderemos escapar ás patifarias a que os monopolistas nos hão de sujeitar.

E' necessario e urgente, pois, que a imprensa toda se manifeste a valer, contra tantos e tão continuos attentados contra o misero consumidor, a besta de carga dos patifes monopolistas.

A jesuitada franceza está levando grande trépa do governo francez, e é bem feito. O presidente da republica franceza já assignou o decreto ordenando sejam encerrados pela auctoridade os estabelecimentos congressistas existentes antes da lei, das associações religiosas e que não se submeteram depois a ella. Tem havido o demonio, em varios departamentos, porque a jesuitada refila com a ordem, mas ha-de-se sujeitar, porque a França não é Portugal; sim, porque o actual governo, não é o governo do sr. Hintze. Alli, as leis fazem-se para serem cumpridas, aqui . . . é o contrario.

O diabo é que tal praga vae-se internando na peninsula e depois é que são ellas, de mais a mais sabendo-se que o nosso *energico* governo os acolherá da melhor vontade, mercê do seu não menos *energico* decreto.

O congresso de imprensa reunido ultimamente em Berne, approvou por unanimidade uma proposta para que sejam excluidos da associação da imprensa os membros que a deshonrem. Appoiado. Assim deve ser.

A Associação da Imprensa Portuguesa estará prompta a aceitar uma tal proposta para honra da mesma?

Tal proposta approvada n'esse congresso de imprensa não podia vir pois em melhor occasião.

A associação da imprensa portugueza que a perfilhe pois, começando desde já por executal-a, porque nunca em Portugal houve tanta necessidade da applicação de tal medida, como na presente occasião.

Continua a haver cada vez mais falsificadores de notas e de moedas de nickel, e então com nna tal perfeição, que causa espanto. A policia está já de posse de alguns d'esses falsificadores, os quaes são de raça hespanhola e portugueza. Se os castigar, como crémos, não nos parece que acabe a raça.

E, agora, aqui para nós: em vista de tantas notas falsificadas: não estarão incluídas muitas d'ellas na tal existencia em caixa do Banco de Portugal?

Um engenheiro italiano, Rimini, descobriu que o alcatrão de gaz destroe completamente a poeira das ruas! Em Monaco tambem se fez o mesmo e, a respeito de poeira, foi-se! Lá fóra faz-se isto, existe o cuidado pela humanidade, mas entre nós . . . só se pensa em beneficiar syndicatos, monopolistas e mais trantantes que entre nós se dão ás mil maravilhas.

Os leitores já devem saber que para se dar cabo da tuberculose in-

ventou-se . . . os escarradores . . . era uma vez a tuberculose.

Existe aqui uma freguezia, a de Santa Izabel, que por tal signal é bastante rendosa, que está causando verdadeiro escandalo a demora no provimento do parochio que ha de dirigil-a, visto que desde que morreu o parochio da referida freguezia, ainda se não tratou de pôr o lugar a concurso. Varios jornaes têm fallado n'este caso, mas nada têm conseguido. A *Vanguarda*, porém, dá a seguinte explicação que é de véras interessante:—«em quanto estiver ali um prior encomendado, o sr. patriarcha recebe uma bella percentagem (20 a 30 por cento) dos direitos de parochia, e como a freguezia de Santa Izabel rende 5 a 6 contos annuaes, a tributação não é má. Parece escusada outra explicação.»

E' a unica tambem, quanto a nós, accetavel.

Continua diminuindo a tiragem do *Seculo*. Sabemos de fonte limpa que passa já de **25 mil exemplares!** O *Seculo*, porém, continúa affirmando que ella tem augmentado.

O povo, está preferindo ao *Seculo*, o *Diario de Noticias*, que é um jornal bastante sério, de muitissimas informações e bem feito.

Depois de 12 dias de incomunicabilidade no juizo de instrucção criminal, foi remetido na segunda feira ultima ao tribunal do 3.º districto de que é juiz, o conselheiro Pinna Callado, o preso José de Judicibus, presumido auctor do attentado contra o nosso collega a *Vanguarda*, que não podendo ser interrogado n'esse dia deu entrada no Limoeiro, ficando incomunicavel.

No dia seguinte, indo novamente ao tribunal do 3.º districto, ali foi largamente interrogado. Findo o interrogatorio que durou cerca de tres horas, foi-lhe levantada a incomunicabilidade mas recolhendo-o a justiça no Limoeiro. Não lhe foi admittida fiança, visto tratar-se d'uma tentativa de fogo pôsto.

Agora que continue o papá de tão innocente creança a dizer que seu querido filho está innocente, e a pedir:—«justiça! justiça! justiça!»

(Alcantara) J. B. da Silva Almeida.

Doutor Mendes Cid

Este distincto clinico, depois de regressar de Paris, aonde durante mezes profundou o estudo de algumas doenças, estabelecem o seu consultorio medico em Lisboa, na Rua Larga de S. Roque, n.º 17—1.º

Generos adulterados

A cada passo se estão descobrindo generos alimenticios falsificados, apesar da falta de fiscalisação e, como aos falsificadores não tenha sido applicado o condigno castigo, esses proseguem na nefanda tarefa de enriquecerem e assassinar lentamente a humanidade!

O commerciante, em alta escala, salvo raras excepções, não exita em roubar, assassinar e fazer tudo, comquanto que em poucos annos enriqueça, se torne grande; é no commercio que se encontra a mais abjecta ambição por enriquecer e d'ahi, todos os meios de o conseguir são licitos e postos em pratica.

Não pensa o homem de sciencia, medico, o magistrado, o empregado publico em enriquecer, mas sómente em ganhar o preciso para occorrer ás suas despesas, mas o commerciante, na maioria ignorante, não se satisfaz sem ajuntar fortuna—é o seu ideal.

Ha tempos, no Porto, deu-se um facto que sobresaltou o povo, o ter-se manifestado symptomas de envenenamento em pessoas que comeram queijo como procedente da Serra da Estrella, mas que, se se descobriu quem fossem os falsificadores d'esse alimento, não consta que fossem castigados.

Agora descobriu-se tambem no Porto que uns boçaes gananciosos, venderam grandes porções de uma mistura, farinha, serradura, gesso e casca de arroz, indo tambem para o Lisboa grande porção d'essa mixordia.

A esses ladrões da saude publica, esses malvados e assassinos deve applicar-se todo o rigor da lei, pois que lentamente vão fazendo milhares de victimas.

Foi já preso em Ovar um dos principaes falsificadores, Dionyio Passos, sendo-lhe apprehendida grande porção da tal mistura, sendo tambem apprehendida alguma na estação de Campanhã

Os molleiros encarregados de moer a serradura é que denunciaram esses malvados, que a um desmedido egoismo devem reunir a bo-

calidade, e são estes os que mais pensam em enganar os outros.

Nos tempos que atravessamos, de verdadeiro progresso, a arte de roubar, que o padre Antonio Vieira descreveu como ainda ninguem o fez, é incontestavelmente a que mais tem progredido!!

Oxalá que os falsificadores e assassinos da humanidade, tenham a devida recompensa.

Doutor Videira

Sahiu na quarta feira d'esta semana, para Pampilhosa da Serra, aonde vai tomar posse do partido medico d'aquelle concelho, ha pouco para ali nomeado, o sr. D.^o Duarte Videira, que durante alguns mezes aqui serviu interinamente igual lugar.

Na sexta feira d'esta semana sahiram para a Figueira da Foz, onde vão fazer uso de banhos, o nosso amigo, sr. Manuel Rodrigues Perdigão, sua ex.^{ma} esposa e filhas.

D. Leonor Cid

De visita a sua extremosa avó, D. Maria Rita Cid, passou alguns dias em Figueiró, acompanhada de seu ex.^{mo} esposo e filhinho, a ex.^{ma} sr.^a D. Leonor Cid Castro Novas, retirando todos na quarta feira d'esta semana, para Coimbra.

A sr.^a D. Leonor veio, como todos os annos costuma, passar aqui em companhia de sua familia, o dia do seu anniversario natalicio, que passou no dia 29 do mez findo.

Regressou de Extremoz, sua terra natal, aonde passou algum tempo, a esposa do sr. Philippe José da Cruz, habil regente da *Philarmonica Figueiroense*.

De visita a seu pae e mais familia, estão n'esta villa a sr.^a D. Maria Josephina d'Araujo Lacerda e seu irmão, sr. Fernando d'Araujo Lacerda, residentes em Lisboa.

—Vamos então á quinta, que meus paes esperam-te—tornou Diogo.

—E ella está ainda esbelta, como era?—perguntou Estevão.

—Ella, quem?

—Celina... pois quem?

—Tu verás—replicou Diogo bruscamente.

E partiu com o seu amigo para a quinta, onde Estevão foi acolhido affectuosamente. Feita a visita, Estevão pediu a Diogo que o acompanhasse a casa da senhora Cordier, mãe de Celina.

—Não vou—respondeu elle.—Eu incommodar-vos-hia n'essa primeira entrevista.

Estevão quiz insistir.

—Para que preciso eu ser testemunha da vossa felicidade;—replicou elle friamente.—Além d'isso tenho um trabalho urgente a fazer.

—O Diogo não está o mesmo—disse consigo Estevão ao retirar-se.—Porque está elle assim mudado? Não será tão meu amigo como d'antes? Não, não posso acreditar em tal!

Sentia-se entristecido sem comprehender as emoções penosas que experimentava. Mas a nuvem que lhe escurecia o espirito dissipou-se logo que se encontrou em presença de Celina, que, commovida e sorridente, lhe apertou a mão.

Novo medico

Fez acto no dia 30 do mez findo, concluindo o curso de Medicina na nossa Universidade, o sr. D.^o Adelino d'Araujo Lacerda, filho de Figueiró dos Vinhos, aonde ficará exercendo a clinica.

No seu regresso a esta villa, que teve lugar proximo da meia noite do mesmo dia, era sua ex.^a esperado a distancia pela philarmonica da terra, e á entrada aguardavam a sua chegada muitos cavalheiros e senhoras, acompanhando-o todos a casa de sua residencia, subindo ao ar por essa occasião, algumas dezenas de foguetes.

No dia 31, houve um lauto jantar em casa de seu pae, sr. Joaquim d'Araujo Lacerda, a que assistiu toda a familia e outros convidados, para quem aquelle dia foi de verdadeira festa.

Felicitemos cordalmente o novo clinico, assim como tambem felicitamos toda a familia Lacerda.

Feira de S. Pantaleão

Teve lugar em Figueiró dos Vinhos, nos dias 27 e 28 do mez findo, a feira annual, conhecida pelo nome que nos serve de epigraphe, que este anno teve inferior concurrencia á de outros annos.

Os negociantes ambulantes que a esta feira costumam concorrer, bem como os estabelecimentos da villa, dizem que as transacções foram pouco importantes, excepto para os ourives, que foram regulares.

Não houve roubos nem desordens, sendo apenas preso, por suspeito, um individuo que diz ser de Oleiros, para onde foram pedidas informacões a seu respeito.

Délivrance

A esposa do nosso amigo e assignante, sr. Francisco Henriques, de Castanheira de Pera, deu á luz, com muita felicidade, uma creança de sexo masculino, no dia 20 do mez findo.

Recebam os paes do neophito as nossas felicitações.

Elle contemplou por momentos aquelle rosto encantador, que se ruborisava ao seu olhar; e o seu silencio, mais que as suas palavras, exprimia a sua admiração. Celina já não era simplesmente graciosa e linda—ere bella. Tinha uma d'essas bellezas radiantes que a imaginação do poeta phantasia e que o pintor faz desabrochar do seu pincel. A pureza das linhas, a delicadeza e regularidade das feições, nada cediam á frescura da cutis, á elegancia das formas, á gentileza do porte. Nunca mais lindos cabellos loiros emmolduraram fronte mais radiosa. Bastava o seu sorriso para a tornar adoravel.

—Achas-me muito mudada?—perguntou ella a Estevão.

—Acho... porque estás mil vezes mais linda.

—Não é verdade que está mais bonita?—disse a mãe de Celina.—Ella é a unica que diz o contrario.

—Oh! eu sou da sua opinião, sr.^a Cordier; Celina engana-se—affirmou Estevão; e proseguiu, dirigindo-se á namorada:—Ao tornar a ver-te assim, tão linda, não pude occultar-te a minha admiração. Verdade seja que no meu sentir predomina a ventura de me encontrar de novo a teu lado. Uma só coisa tenho a perguntar-te: ainda me amas?

PERFIL

Sabendo, ao que protesta, ser amiga das suas amigas, tambem affirma que ao reconhecer-lhes a mais pequenina infidelidade, sente logo abalar-se-lhe o melindre e, por crer um pouco em superstições, que não resiste a pronunciar algumas palavras de maldição. Diz que em dados momentos se compraz em dizer verdades amargas; e encontrando-se quasi sempre entre flores e crianças, parece querer assim demonstrar que nasceu, não para sacrificar-se ás rudezas e tempestades que a todo o instante se desencadeiam n'esta espheróide immensa em que respira, mas sim para sentir deslizar flaccidamente a sua vida junta dos anjos nos jardins do Paraiso.

Figueiró dos Vinhos,
31-7-902.

Kilometro.

Autopsia

No dia 27 do mez findo, procedeu-se a autopsia no cadaver de José de Moraes, de Aréga, que tendo ingerido uma porção de massa phosphorica, segundo elle dissera a sua mulher, lhe produziu a morte, poucas horas depois.

A pobre mulher, logo que soube da resolução tomada pelo marido, de por tal fórma pôr termo á existencia, instou com elle para que tomasse o que lhe tinham aconselhado como conveniente para expulsar o veneno, mas elle recusou-se terminantemente a tomal-o.—Queria morrer.—

Esteve preso por vezes na cadeia d'esta comarca, por pequenos furtos e tinha sido intimado a apresentar-se á auctoridade para recolher á cadeia, afim de pagar as custas em que foi condemnado no ultimo julgamento.

Era homem de 45 a 50 annos, deixou viuva e 6 filhos, dois dos quaes têm menos de 8 annos.

Procederam á autopsia os medicos dos partidos dos municipios de Figueiró e Pedrogam Grande, srs. D.^o Francisco Gaspar, D.^o Francisco David, D.^o Duarte Videira e Simões Canova, que reconheceram ter-se produzido a morte por envenenamento.

—Não te esperei eu?—retorquiu Celina com um olhar de infinita meiguice.

—E entretanto que esperava juntou a continha redonda de cem escudos para as despesas da boda, porque se lembrou que não virias muito recheado de dinheiro—acrescentou a sr.^a Cordier.—Pouco me importa que ella me chame linguareira; sempre te direi que comprou uma teia de linho fino com que fez uma duzia de camisas.

—Ah! minha querida Celina!—exclamou o namorado commovido até ás lagrimas.

—Isso é mal feito, minha mãe! trahir-me assim!—disse Celina.

Estevão abraçou-a e para dissimular a emoção escondeu o rosto no seio da sua noiva. A sr.^a Cordier contemplava-os sorrindo.

—E' o começo da felicidade—pensava ella.

No dia 20 de setembro, Celina casou com Estevão; Diogo Pérard não assistiu á cerimonia do consorcio: partira na vespera para Paris. Estevão ficou muito pesaroso, sem comprehender a estranha ideia do seu amigo, que devia ter escolhido outra occasião para visitar a capital.

(Continua).

FOLHETIM

EMILIO RICHEBOURG

Historia de dois amigos

Tradução de JULIO GAMA

IV

—Meu amigo; ha affeições profundas que nada pôde amortecer; o meu amor por Celina e a minha amizade por ti, só augmentaram, se é possível, com a saudade; uma e outra morrerão comigo. Quando um coração como o meu se deixa prender, nunca mais se emancipa.

—Ides então casar?

—Depois das ceifas; salvo se Celina...

—Se Celina... Não acabas?

—Se ella não quizesse casar.

—Celina ainda te ama—replicou vivamente Diogo—e espera-te.

—Dizes-me isso como se estivesses zangado?

—Comtigo, que pareces duvidar d'ella.

As faces de Diogo tinham-se ruborisado, o que Estevão não viu.

SECÇÃO LITTERARIA

DOLOR

Ella partiu, a linda pomba mansa,
Deixando-me na solidão sóinho,
Triste, abandonado, sem um carinho
Cá n'este oceano em que não ha bonança.

Partiu, oh! sim, a tão gentil creança!
Bateu as azas muito de mansinho,
E em levas nuvens de candido arminho,
Vouu, seguiu sem deixar-n'uma esp'rança!

Não era meu aquelle amor inclito,
Não era minha aquella joia pura;
Foi só minha para uma dor tão dura,
Que me consome n'um soffrer maldito!

Por não saber ler
nem escrever

I

O João Miguel, um pobre diabo que n'outro tempo conheci moço de café, appareceu-me ha dias tão pallido e desfigurado que me moveu á compaixão mais profunda.

—Que diabo é isso, João Miguel? — perguntei-lhe. — Tens estado doente? ...

—Tenho estado muito mal... tão mal que ninguem julgava que eu escapasse d'esta... Também—acrescentou n'um tom de desespero que me impressionou—ainda que me levasse o diabo, pouco se perdia...

—Não vale a pena desesperar, meu homem... Tu és novo, podes ainda recuperar a sande e vir a ser muito feliz... A estas horas, cuidei eu que já estivesse estabelecido, como outros dos teus companheiros...

—Estabelecido! — suspirou elle — Podia estar, podia, se não fosse...

—A doença?
—Não senhor! A doença é o menos... Leve o diabo quem m'a causou!

Suspeitei um romance n'estas meias palavras do João Miguel, e, como sou naturalmente curioso, pensei logo em obter uma revelação completa.

Quando Deus quer, excesso de trabalho na casa onde estiveste empregado?... Eu bem via que era serviço de mais para as tuas forças... —acrescentei n'uma voz compadecida—Andavas sempre a correr de mesa para mesa, acudindo com promptidão ao chamamento dos freguezes... E' uma coisa que deve estafar muito...

—Não, senhor... Para quem está acostumado, aquillo é, pode-se dizer, um serviço de malandro... A coisa foi outra...

—Alguna constipação que apanhaste á sahida? ...

—Constipação, sim!... Isto foi uma paixão que me encaçou no peito por uma traição que me fizeram!...

Estava o homem no caminho das revelações. Bastava impellil-o docemente e elle diria até ao fim. Foi isso o que fiz.

—Alguna mulher? Pois quem é que se fia em mulheres?... —aventurei melifluamente, incitando-o por este modo a dizer tudo.

—Mulher, não... Foi um homem! Mas também se escapo d'esta... elle ha-de-m'as pagar duras como ossos!

—Homem, não faças asneiras... —aconselhei com brandura—Trata da tua saude, que é o essencial, e deixa-o lá...

—O que! —exclamou elle enfurecido—Isso nem que eu soubesse de dar um estoiro como o diabo no inferno! Já aqui tenho com que lhe hei-de ser bom!...

E mettendo a mão ao bolso, quando eu cuidei que ia tirar d'elle uma faca ou um revolver, o João Miguel tirou... uma *Cartilha Maternal*, de João de Deus.

II

Sem saber explicar-me o que aqui queria dizer, perguntei-lhe:

—Isso para que é?

—Para aprender a ler... Heide-me vingar... heide dar cabo d'elle!

—Está doido! —disse comigo. E depois em voz alta: —Mas... não percebo...

—Com a mesma arma com que elle me feriu é que o hei-de matar a elle!

Depois, serenando um pouco, começou contando-me:

—Quando estava como creado no café, eu, já se vê, tinha o meu dia de passeio... Andava muito bem arranjado, porque os freguezes eram bons e eu tinha mezes de tirar livres os meus trinta mil reis... tudo de gorjetas...

—Está feito! Era um ordenado muito razoavel!...

—Já se vê, como andava assim bem arranjado, eu na rua parecia um fidalgo... Boa corrente, bons ameis... Se fosse preciso puxar por uma nota de cinco ou dez mil reis, tinha-a... —E' o que me não acontece a mim muitas vezes—pensei eu, comparando quanto melhor não era servir café do que servir litteratura ao publico.

—De maneira que—proseguiu o João Miguel—arranjei um natoro eom uma rapariga d'aqui... de traz da orelha! —e abanava o indicado appendice. E que demais a mais tinha uns cobres bons... Não era muito... eram para ahi tres contos de reis... Mas para me estabelecer com algum que eu já tinha... chegava.

—E então?

—Então... já se vê, eu não lhe podia fallar... só nos podíamos falar por cartas... Mas eu que não sabia ler nem escrever?! Esta agora é que está o diabo! —dizia eu comigo. —E puz-me a scismar na minha vida, até que me lembrou pedir a um rapaz da minha criação e que sabia muito bem notar uma carta, que me escrevesse... Assim foi. Elle escrevia as cartas, eu mandava-as e quando vinha resposta era elle quem m'as lia... Assim andamos n'isto mais de tres mezes, até que ella um dia disse que o tio a não deixava casar e que só se fugisse de casa e nos fossemos receber á egreja, é que podíamos ser um do outro. Isso e o que eu queria era a mesma coisa...

O tal meu amigo escreveu-lhe, disse que sim, que se ia tratar dos papeis e que quando tudo estivesse prompto lhe marcaria o dia e a hora que havia de fugir.

Como era preciso que tudo se fizesse em segredo, aquelle tal meu amigo offereceu-se-me para arranjar os papeis, requerer a dispensa e tudo mais. Dei o dinheiro para os papeis, porque eu, na verdade não tinha tempo para tractar d'isso... Andou por dez libras que ainda larguei!...

O tal meu amigo escreveu-lhe, disse que sim, que se ia tratar dos papeis e que quando tudo estivesse prompto lhe marcaria o dia e a hora que havia de fugir.

Como era preciso que tudo se fizesse em segredo, aquelle tal meu amigo offereceu-se-me para arranjar os papeis, requerer a dispensa e tudo mais. Dei o dinheiro para os papeis, porque eu, na verdade não tinha tempo para tractar d'isso... Andou por dez libras que ainda larguei!...

III

O João Miguel interrompeu um instante na sua narrativa murmurando:

—Aquelle maroto! Aquelle maroto?

—Não te arranjou os papeis? —interroguei eu.

—Os papeis arranjou elle... mas não foi para mim... Tirou-os em nome d'elle e enganou-me até á ultima!... Que isso é que eu lhe não perdoo! —bradou n'uma explosão de raiva.

—Então como foi isso?...

—O patife, para eu não desconfiar, vei-o-me dizer que estava tudo prompto e escreveu-lhe á minha vista uma carta dizendo-me que lhe mandava dizer para fugir, como tal no sabbado, mas o que elle disse na carta foi que fugisse na quinta... O senhor percebe?

—Parece-me que percebo...

—De modo que quando eu fui pôr-me a esperar por ella no sitio marcado, já ella se tinha posto a andar ha dois dias e tinha ido casar com elle!

—Mas elle não deu pelo engano?

—Como havia de dar, se o grande maroto—raios o partam! —dizia-me que assignava as cartas com o meu nome e punha o d'elle, e quando me

apanhava preso no café ia lá passar-lhe á porta como se fosse eu? E tudo por eu não saber ler nem escrever! Oh! mas ha-de-m'as pagar! —vociferou o João Miguel.

Depois proseguiu:

—Eu, quando soube d'isto, cahi doente com uma paixão, que estive mais de tres mezes no hospital... E até o medico dizia que eu que não escapava...

Mas eu puz-me a scismar e disse assim. «Se eu morro isso é o que aquelle maroto quer... Nada, eu vou tratar de arribar para tirar a minha desforra!» E cá ando, e hei-de-me desforrar... Oh se hei-de!

—Como!

—Como?! Isto aconteceu-me por eu não saber ler nem escrever... Pois eu agora vou aprender a ler e a escrever e assim que souber bem, namoro-lhe a mulher, escrevo-lhe cartas a contar-lhe a traição d'aquelle patife, e ella ha-de deixal-o e vir para mim!

—E tens a certeza?...

—A certeza eu lh'a darei... Comecei ha um mez e já conheço as letras todas e já leio algumas palavras... Ninguém me agarra sem o João de Deus no bolso... No céo esteja elle pelo sistema que inventou de ensinar, que se elle já o tivesse inventado no tempo em que eu era rapaz, não tinha ficado burro, e escusava de perder a minha fortuna por não saber ler nem escrever!... E não lhe parece —continuou elle—que é a maior vingança que eu posso tirar d'aquelle maroto, aprender a ler pra lhe apanhar para cá a mulher que era minha?

—Não sei se será a maior; a melhor é, com toda a certeza, porque pelo menos, sempre lucras alguma coisa...

—O dinheiro que ella lhe possa ainda safar?

—Não: a ficares a saber ler e escrever.

Sahiu para Lisboa, como empregado de escriptorio de seus tios — Paiva & Irmão — o sr. Juvenal Lopes Paiva, que por muito tempo teve a seu cargo o depositito de tabacos e outros serviços de seu tio, José Manuel Godinho, d'esta villa.

Depois de aqui passar alguns dias, regressou a Lisboa no domingo passado, o sr. José Quaresma Paiva.

Sendo conduzido no carro de sen pae, para Pombal, no caminho, foi assaltado por uns meliantes, que não conseguiram o seu fim.

Castanheira de Pera,

31. —Na noite de sabbado manifestou-se um incendio que tomou proporções pavorosas n'uma antiga casa do Troviscal, povoação d'esta freguezia.

Acudiram os moradores do lugar, mas só conseguiram salvar uma casita annexa, onde habitava uma familia, e a capella da Senhora do Bom Successo, contigua áquelle tradicional edificio.

Na varanda da casa dormia um velho de 75 annos, que acordou ao estalar das madeiras envolvidas em pavorosas chamas e aos gritos de algumas pessoas que se aproximavam do local do sinistro. Não houve desgraças pessoas, mas o vasto edificio ficou reduzido a cinzas.

Parte estava seguro em 500\$000 reis na companhia Internacional.

No sabbado ultimo sahio para Leiria acompanhada de seis alumnas que habilitou para o exame de instrucção primaria, a distinctissima professora official d'esta localidade sr.^a D. Elvira Bromão.

Sabemos que já fizeram exame e ficaram approvadas as meninas Aurora, filha do sr. Hygino Correia, Bertha e Aurora, filhas do sr. Albino Rosa, e Josefa, filha de sr. José das Neves. As duas primeiras meninas ficaram approvadas com distincção.

As examinadas, a suas familias e á intelligente professora os nossos parabens.

Informam-nos que a fabrica denominada — Foz — vae ser aberta á laboração. São dignos de favor pela sua iniciativa os srs. José Alves Biblianno e Julião Henriques Lopes, novos possuidores d'aquella casa fabril.

Estiveram hoje n'esta localidade os estudantes da Universidade srs. Orlando e Juvenal Paiva, de Figueiró dos Vinhos.

N.

PELO TRIBUNAL

Audiencia de 21 de Julho

Distribuição—

Acção ordinaria.—Auctor, Abel Henriques de Campos, da Gestosa Fundeira.—Réus, Felesmina Henriques dos Santos e marido José Fernandes Junior, da Gestosa Fundeira. 3.º officio—Escrivão—Carvalho.

×

Acção de despejo.—Auctor, Joaquim d'Arajo Lacerda, viuvo, de Figueiró dos Vinhos.—Réu, José da Silva, da Fonte da Guisa.

2.º officio—Escrivão—Rebocho.

Um assassino de 15 annos

O nosso presado collega *A Resistencia*, que se publica em Coimbra, relata as condições em que um rapaz de 15 annos praticou um assassinato, e que transcrevemos:

«Um creançola de 15 annos, aprendiz de barbeiro, de nome Casiano Augusto da Encarnação, cravou uma navalha no peito do preto Julião da Costa, de 20 annos de idade, creado do quintanista de direito s. José Correia Nunes Junior, da Ilha de S. Thomé, de que resultou a morte do infeliz rapaz.

Segundo as informações que colhemos, o assassinato deu-se nas seguintes condições:

Indo o Encarnação na companhia de dois rapazes, menores, chamados Salomão Pereira e Salvino de Moura Paes, encontrou na *Praça 8 de Maio* o Julião, a quem troçou. Este, embirrando com a troça, respondeu-lhe torto, tentando dar-lhe uma pancada. O Encarnação, que tinha aberto uma grande navalha que trazia, sem o preto dar por isso, cravou-lha no peito e fugiu pela rua Martins de Carvalho acima.

O Julião, vendo-se ferido, entrou na loja do sr. Jorge da Silveira Moraes, e seguiu em perseguição do aggressor durante bastante tempo, até que cahiu exausto de força, pela perda enorme de sangue que soffria, arrancando, com as afflicções, a navalha da ferida.

Quando chegaram os soccorros e uma maca para o transportar para o hospital, era já cadaver sendo levado para a *morgue*, visto no hospital não o querarem receber.

O precoce assassino, depois de dar um rodeio, metteu-se em casa e

na manhã de hontem, como se não tivesse praticado um crime tão horroroso, foi abrir a loja de barbeiro, onde era aprendiz, na rua Direita, pertencente ao sr. José Dionisio.

Foi ali que a policia o prendeu, por causa de varios indicios que apurou e pelo depoimento dos companheiros do assassino.

Levado para a esquadra lá confessou o crime, sendo removido hontem mesmo, depois de comparecer no tribunal, para a cadeia desta cidade.»

EM FAMILIA

Logographo rapido

O amphibio veste-se
1-2 3-4 55-6

instrumento

×

Charada em phrase

Na mathematica, este remendo, é um fructo—1-2.

×

Charada

No azevu, na vela e na musica está um appellido—2-1-1.

Treples.

Decifrações do numero 255:

Charada em phrase—polemica.

Charada novissima—piroga.

Charada decapitada—Joanna.

Charada novissima—ladrasas.

Logographo telegramma—cacete.

ANNUNCIOS

JOSÉ FERREIRA
com taberna em
ANCIÃO

FAZ PUBLICO—que continua a mandar da sua taberna, para quaesquer taberneiros do concelho de Figueiró dos Vinhos, ou outros, quaesquer generos sujeitos ao imposto do real d'agua, e para cuja venda estejam avengados, sem ter que d'isso dar parte ou nota á Fiscalisação do concelho dos compradores, conforme lucidamente foi julgado e demonstrado pelo Tribunal do Contencioso Fiscal, de Lisboa, em sentença proferida ha dias n'um processo em que o declarante era arguido da falta de tal participação ou nota.

Podem por isso os srs. vendedores avengados, fazer as encomendas que entenderem, sem receio de cousa alguma, que logo lhe serão satisfeitas, e, como se sabe, mais barato que n'outra qualquer parte.

José Ferreira.

CASA VAULTIER

62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borracha, em todos os generos

e feittos. Amiantor em corda e folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e coutechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

GAZ ACETYLENE

GAZOMETRO AUTOMATICO

VELLEZ

6 horas de luz deslumbrante por 30 reis!!

O Gazometro automatico, é o mais perfeito, o mais solido, o mais economico e o mais elegante.

O Gazometro automatico, só fabrica o gaz que precisa para o consumo, e por isso não tem o perigo de explodir, podendo ser collocado dentro de casa, occupando apenas o espaço de meio metro quadrado.

O Gazometro automatico, é construido n'um só corpo, tendo dois geradores, que funcionam conjunctamente ou em separado, podendo ser carregados sem se apagarem os bicos.

O Gazometro automatico, é muni-do d'um depurador, onde o gaz deixa todas as impurezas e vapor d'agua, conservando-se por isso a tubagem sempre limpa e não havendo intermitencias na luz, o que não succede com os demais apparatus.

São pois estes gazometros preferiveis a qualquer outro systema, e para garantia do que se affirma, restitue-se a importancia da installação recebendo-se o pparelho.

Gazometro para 10 bicos com força de 15 velas cada um—15\$000.

Gazometro para 20 bicos com força de 15 velas cada um—30\$000.

Lampada gazometro portatil para um só bico, proprias para escriptorio—2\$500 reis.

Grande sortimento de candieiros, tulipas, abat-jours, globos, bicos, etc.—Carboreto de calcio de 1.^a qualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Francisco Cabral

OUREM

que se encarrega da montagem dos apparatus em qualquer terra, por preços modicos.

ANTIGO HOTEL VIZIENSE

RUA DOS BACALHOEIROS,

N.º 139—2.º

—LISBOA—

Este acreditado estabelecimento, ultimamente muito melhorado pelo seu actual proprietario, Antonio do Carmo Caiado, é um dos que melhor servem, por preços relativamente baratos, a par de um esmerado asseio e demais condições que os hospedes podem exigir.

O Proprietario

Antonio do Carmo Caiado.

TYPOGRAPHI A

DE

F. ANTONIO D'AGUIAR A

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTA bem montada typographia, executa com promptidão, perfeição e modicidade de preços, todos os trabalhos do seu genero.

Tendo uma variada collecção de gravuras, de imagens, satisfaz immediatamente qualquer encomenda de estampas ou registos que lhe seja feita, enviando-os francos de porte, pelos preços seguintes:

100 registos	600 réis
200 "	1\$000 "
300 "	1\$400 "
500 "	2\$000 "
1009 "	3\$000 "

diminuindo assim o preço conforme a quantidade augmente.

Tem em deposito diversos impressos para as repartições do estado, cartorios dos juizes de Direito, e para particulares.

BERNARDINO DE FREITAS A AMBICÃO D'UM REI

com

Officina de Canteiro

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade do freguez.

Jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez, por preços convencioneados, mas sem competencia.

ALFREDO GALLIS

OS DECADENTES

1 bello volume de 150 paginas,
500 reis

É este o 4.º volume da serie—**Tuberculose Social**.—Consubstancia-se n'elle a prova positiva da nossa decadencia litteraria, enfermiga, d'esta triste neurasthenia da originalidade innovativa que não tem produzido nenhum trabalho de merito, e ao mesino tempo e exgotamento mental da geração moderna, incapaz de dar ás letras um cultivo systematico, regrado e persistente sem o qual não póde haver verdadeiros litteratos.

Este livro é um aviso aos novos e um brado de justiça a favor dos velhos que tem trabalhado nas letras.

I—OS CHIBOS, 1 volume 500 réis.

II—OS PREDESTINADOS, 1 volume 500 réis.

III—MULHERES PERDIDAS, 1 volume 500 réis.

Livraria Central de Gomes de Carvalho—Editor—Rua da Prata, 158, 160—LISBPA.

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de Eduardo de Noronha

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 réis—cada fasciculo

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á—Secção Edotrial da Companhia Nacional Editora—Largo do Conde Barão, 60, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

ROCHA MARTINS

MARIA DA FONTE

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas photo-gravuras dos principaes personagens da epocha e com primorosas illustrações de—Roque Gameiro e Alfredo Moraes—editada pela—Empreza Editora e Typographica—de João Romano Torres, rua de D. Pedro V, 82 a 88—LISBOA.

Divide-se a obra em 3 partes, com os titulos:

- 1.^a—Os Guerrilheiros.
- 2.^a—Torpeza Real
- 3.^a—Maria da Fonte.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Lisboa, Porto e nas diversas localidades da provincia onde a Empreza tem correspondentes, será distribuido semanalmente um fasciculo,—sempre illustrado,—ao preço de 40 réis. Mensalmente distribuir-se-ha um tomo, pelo preço de 200 RÉIS.